

CONCEPÇÕES SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NA PRÁTICA DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DE IMPERATRIZ

Lucas Sosthenes Melo Lobão ¹
Regilanne da Conceição de Moura ²
Ilma Maria de Oliveira Silva ³

RESUMO

Na trajetória histórica brasileira, muitos grupos foram silenciados, especialmente públicos que não se enquadram nas ideologias dominantes. Entre estes, os povos indígenas. Visto que a sociedade brasileira é marcada por equívocos, especialmente quando se trata dos povos indígenas. As reflexões apontadas neste artigo são resultados de uma pesquisa de campo feita com uma professora do 1º ano dos anos iniciais, em uma escola da rede municipal de Imperatriz-Ma. Cujo objetivo é analisar de que forma a contribuição dos povos indígenas para a formação da sociedade brasileira é compreendida pela professora, averiguar como a escravidão indígena é trabalhada no livro didático. Utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo, com a utilização de uma pesquisa, como instrumento de coleta de dados um questionário aberto com a professora, para analisar as concepções sobre os povos indígenas na prática docente. Para tanto, fundamentadas nos autores que contribuem com pesquisas voltadas para essa temática, sendo eles, Freire (2002), Luciano Baniwa (2006), Monteiro (2000), Silva e Costa (2018). Ao final desta pesquisa, podemos refletir sobre a importância que os povos indígenas têm para a sociedade brasileira, pois eles são os povos originários que trouxeram para nós o conhecimento de grandes culturas que estão vivas durante muitos séculos. Não podemos deixar essas sabedorias serem silenciadas, devemos apoiá-los e mostrar para o mundo que o Brasil é Indígena.

Palavras-chave: Equívocos Indigenistas, Povos Indígenas, Práticas Docentes, Renovação Didática.

INTRODUÇÃO

A história da educação brasileira, desde a chegada dos jesuítas, atende as demandas econômicas, políticas e sociais de uma sociedade em movimento. Nessa trajetória histórica, muitos grupos foram silenciados, especialmente públicos que não se enquadram nas ideologias dominantes. Entre estes, os povos indígenas.

Neste sentido, percebe-se que a sociedade brasileira é marcada por equívocos, especialmente quando se trata dos povos indígenas. Entre tantos, destacamos a generalização utilizando o termo “índio”, onde se considera uma única cultura, mesmas

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, lucaslobao.20200001533@uemasul.edu.br;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, regilannemoura.20200008688@uemasul.edu.br;

³ Professora orientadora: Doutora em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, ilmamaria@uemasul.edu.br.

crenças, como se fossem apenas um povo, que foram rotulados como preguiçosos, por serem resistentes e combaterem todo tipo de discriminação, extermínios, repressão e escravidão. Por cinco séculos os indígenas foram representados como selvagens, não civilizados, possuidores de culturas congeladas voltadas apenas para o passado. Essas concepções, embora cruéis, ainda estão presentes e precisam ser extirpadas.

Nossa motivação para produzir este trabalho surgiu através das aulas de Histórias e Culturas Indígenas ministradas no curso de Pedagogia, visto que as leituras e discussões nos fez repensar nossos conceitos e preconceitos em relação aos povos indígenas, despertando-nos a curiosidade e o desejo de pesquisar. Durante as aulas, realizamos uma espécie de retrospectiva, de como a temática sobre os povos indígenas eram trabalhadas, e chegamos por unanimidade que o que nos restava como memórias era apenas o dia 19 de abril, que é comemorado o “dia do índio⁴”.

Quando chegava esse dia, as professoras pintavam com tinta guache os rostos e os braços dos alunos, além disso também ensaiavam coreografias para apresentarem peças teatrais no pátio da escola, voltadas para a representação dos indígenas. Cantávamos a música da Xuxa “brincar de índio”, caracterizados com tanguinhas e seminus, e nas aulas práticas a professora sempre trazia desenho de um indígena com arco e flecha no meio da floresta.

Neste contexto, surgiu o questionamento: será que atualmente as professoras mantêm essas mesmas práticas? Ao comemorar o Dia dos Povos Indígenas? Foi através dessas e de outras indagações que decidimos ir a campo com o objetivo de analisar percepções sobre os povos indígenas, travando alguns pontos de vista pessoais e também de uma professora do 1º ano dos anos iniciais, visto que através das análises e das percepções poderemos evidenciar se houve ou não transformação das práticas docentes em relação às histórias e culturas indígenas.

Para alcançarmos tais objetivos, optamos pela abordagem qualitativa, pois de acordo com Minayo (2012, p. 626) ela afirma que, “[...] a análise qualitativa de um objeto de investigação concretiza a possibilidade de construção de conhecimento e possui todos os requisitos e instrumentos para ser considerada e valorizada como um construto científico”.

Para fundamentar a pesquisa utilizamos as obras de Freire (2002), que traz reflexões sobre os cinco equívocos a respeito dos indígenas; Luciano Baniwa (2006)

⁴ Atualmente essa nomenclatura não é mais utilizada, pois de acordo com a Lei nº 14.402/2022, foi decretado que a nomenclatura correta agora é **Dia dos Povos Indígenas**.

que evidencia sobre como a população brasileira ver os povos indígenas, através de rótulos, impregnados pelos portugueses ao chegar ao Brasil; Silva e Costa (2018) discutem a temática indígena na escola, trazendo reflexões sobre as práticas pedagógicas que o professor precisa ter, para buscar a emancipação dos equívocos, mostrando como os indígenas foram e continuam sendo importantes para a formação da sociedade.

Através da pesquisa de campo, levantamos questões relevantes em relação aos povos indígenas, cujo interesse foi investigar as percepções das práticas exercidas pela docente titular, buscando investigar a forma como ela aborda as questões dos povos indígenas em sala de aula, para isso, utilizamos o questionário semi-estruturado como instrumento de coleta de dados.

O Trabalho está estruturado em quatro tópicos, visto que no primeiro, temos a introdução trazendo a apresentação da pesquisa, seguida da justificativa pela qual optamos por essa temática, trazendo os objetivos, e salientando sobre a metodologia utilizada, apontando alguns referenciais teóricos que fundamentaram a pesquisa, apoiada em um questionário semi-estruturado que serviu como coleta de dados. No segundo tópico vamos abordar sobre os cinco equívocos, que estão divididos em subtópicos, que explicará os motivos pelos quais a sociedade criou essa imagem deturpada dos povos indígenas. No terceiro tópico, vamos analisar as percepções de uma professora do 1º ano dos anos iniciais, em relação aos povos indígenas, e por fim temos o quarto e último tópico, que trará as considerações finais com os resultados obtidos durante a pesquisa.

2 OS EQUÍVOCOS VOLTADOS PARA OS POVOS INDÍGENAS

Durante muito tempo os povos indígenas foram rotulados como genéricos, visto que os brasileiros criaram uma imagem de um indígena: nu, que moram nas florestas usam arco e flecha, não tem casas de alvenaria, mora em casas de palha, não sabem falar a Língua Portuguesa, não tem estudo e que todos os indígenas são iguais, que tem a mesma cultura, falam a mesma língua e compartilham da mesma crença e que se pintam de formas iguais. Neste sentido, Freire (2002, p. 4), explica o motivo deste primeiro equívoco intitulado por “índio genérico”: “Ora, essa é uma ideia equivocada, que reduz culturas tão diferenciadas a uma entidade supra-étnica”. Ou seja, a partir do

momento em que reduzimos os diferentes povos indígenas em um só, estamos generalizando, como se eles fossem genéricos e que todos fossem iguais.

Ainda segundo Freire (2002, p. 4), ele afirma que: “[...] no caso do ‘índio’, o equívoco está em que o genérico apaga as diferenças. O ‘índio’ deixa de ser Tukano, Desana, etc. para se transformar simplesmente no ‘índio’ [...]”. Neste contexto, observa-se que cada povo tem sua cultura, costumes, religiões e artes diferentes, não se pode generalizar um povo sem conhecê-lo, por mais que para muitos eles sejam “iguais”, fica evidente que possuem diferenças. Neste contexto, podemos salientar o tronco linguístico⁵ que as comunidades indígenas possuem, assim como os portugueses possuem o mesmo tronco linguístico dos espanhóis e brasileiros.

Neste sentido Freire (2002, p. 5), afirma dizendo que: “A diferença que pode haver entre a língua Macuxi e a Ingaricó, ambas do tronco lingüístico Karib, é comparável à diferença existente entre o português e o espanhol, ou seja, é possível estabelecer um nível mínimo de comunicação”. Da mesma forma em que pode haver compatibilidade e compreensão, há também as que são distintas, “[...] por exemplo, entre a língua Makuxi (Karib) e a Wapixana (Arauak); entre línguas de troncos diferentes, as diferenças podem ser comparáveis a existente entre o alemão e o português. Ninguém se entende” (Freire, 2002, p. 5).

Nesta perspectiva, o autor deixa bem claro as diferenças que há entre um povo e outro então como pode dizer que todos os indígenas são iguais, sendo que existem várias diferenças entre eles, como podemos modificar esses pensamentos genéricos que nas escolas ainda estão acontecendo? Existem várias maneiras que podemos trabalhar com a temática indígena dentro da sala de aula, como por exemplo: trazer imagens e vídeos que mostram a realidade deles, visto que eles têm “[...] seus modos de viver peculiares, os povos indígenas desenvolvem técnicas distintas, o que os tornam únicos e diferentes dos demais, [...]” (Silva; Costa, 2018, p. 39).

Nesta visão, podemos perceber o quanto os povos indígenas produzem sabedorias para a sociedade e para o mundo. Muitas pessoas esquecem que os indígenas foram e são responsáveis por muitas comidas típicas do Brasil, como por exemplo, o beiju, conhecida como tapioca, apesar de serem considerados como inferiores, o preconceito que existem com os povos indígenas, deixa a sociedade brasileira cega, pois

⁵ No Brasil existem dois troncos linguísticos que são os Macro-Jê, com 9 famílias, e o Tupi, com 10 famílias. Os que não apresentam semelhança não podem ser agrupados nos troncos linguísticos, como por exemplo os Pano, Caribe, Arauak.

não nos permite usufruir das sabedorias e legados culturais que vêm sendo construídas por séculos.

Para Freire (2002), ele cita que os indígenas têm um conhecimento sofisticado em relação à medicina, agricultura, pois sabe usar com eficiência os recursos presentes no solo, eles têm uma visão diferenciada, pois conseguem usufruir do solo sem prejudicar, pois usam “[...] métodos de reflorestamento, pesticidas e fertilizantes naturais, comportamento animal, melhoramento genético de plantas cultivadas e semi-domesticadas, manejo da pesca e da vida selvagem e astronomia” (Freire, 2002, p. 9). Então, como é possível eles serem considerados povos que têm uma cultura atrasada e primitiva?

2.1 Segundo Equívoco: Culturas atrasadas e primitivas

Segundo Freire (2002), ele relata que quando tratamos de culturas atrasadas, nos remete a pensamentos de prisão, ou seja, como se a gente ficasse preso no tempo, congelados, apenas com uma única identidade. Assim é o pensamento das pessoas que cometem equívocos em relação às culturas indígenas, sendo que eles têm uma vasta literatura, poesias, religiões e artes refinadas, ou seja, são produtores de saberes e cada artefato que eles produzem tem um significado especial. De acordo com Freire (2002, p. 9), ele salienta que se esse conhecimento “[...] do índio for levado a sério pela ciência moderna e incorporado aos programas de pesquisa e desenvolvimento, os índios serão valorizados pelo que são: povos engenhosos, inteligentes e práticos, que sobreviveram com sucesso por milhares de anos [...]”.

Neste contexto, podemos perceber a importância do conhecimento indígena para as ciências modernas, pois têm um vasto conhecimento da terra e de produtos naturais, se valorizarmos esses saberes, as sociedades ganharam novas competências, em todas as áreas do conhecimento, enriquecendo ainda mais as culturas brasileiras. Sabe-se que cada peça e material que os indígenas produzem têm um significado especial e importante, não somente para eles, mas para a nossa sociedade em um contexto geral. Ainda segundo Freire (2002, p. 9), ele afirma que: “Essa posição cria uma ‘ponte ideológica’ entre culturas, que poderia permitir a participação dos povos indígenas, com o respeito e a estima que merecem, na construção de um Brasil moderno”.

Quando se fala nas crenças indígenas, assim como qualquer outra religião que não seja de acordo com a ideologia dominante, elas são atacadas por serem consideradas

supersticiosas. Para muitos povos indígenas eles acreditam que, quando seus parentes morrem voltam para a terra e renascem como plantas ou animais, para proteger seu povo, mas assim como qualquer outra crença, devemos respeitá-las, pois para eles, a natureza é como uma grande mãe, produtora de vidas e proteção.

Para os Apinayé, as almas dos mortos residem na própria superfície da terra, nos lugares onde viveram e foram sepultados. As almas dos que morreram assassinados vagam solitariamente, pois temem as outras e têm aspecto terrível, pois ostentam os ferimentos que o corpo recebeu em vida. Os espíritos, geralmente, não representam ameaça aos parentes vivos, exceto se cometerem graves negligências durante o funeral ou mesmo se praticarem subtração da parte dos espólios que lhes coube (Beltrão *et. al.*, 2015, p. 222-221).

Neste sentido, as crenças dos povos indígenas, na percepção dos povos Apinayé, estão voltadas para a terra, para a natureza, como um bem riquíssimo e de um valor inestimável, através dela, eles sobrevivem e se asseguram por meio da terra. E quando falamos de religião não podemos esquecer, que por serem devotos e terem uma profundidade sincera com sua religiosidade os indígenas são considerando os “teólogos da América”, pois de acordo com Freire (2002, p. 7) ele deixa claro o motivo desses indígenas serem considerados assim:

[...] devido à sua profunda religiosidade, que se manifesta em todo momento, no cotidiano, penetrando nas diversas esferas da vida. As próprias atividades econômicas aparecem muitas vezes como simples pretexto para a realização de cerimônias. A colheita de produtos da roça pode ser motivo para rezas e danças rituais. O ciclo econômico anual é, antes de tudo, um ciclo de vida religiosa, que acompanha as diversas atividades de subsistência. A religião é, assim, um dos mais importantes fatores de identidade para os Mbyá.

Nesta perspectiva, podemos observar o quanto os indígenas se entregam a suas culturas e suas crenças, visto que eles sempre estão realizando cerimônias, e rituais correspondentes a cada momento que eles estejam passando. Para a sociedade indígena, esses momentos são muito importantes e tem um significado especial e significativo, pois ela é a sua “[...] própria condição de sobrevivência, num mundo superpovoado pelos brancos, uma vez que é a religião que ensina como conviver com os outros, ensina a tolerância, a generosidade, a solidariedade e as estratégias de vida” (Freire, 2002, p. 8).

Neste sentido, podemos afirmar que os indígenas não têm, e nunca teve uma cultura atrasada e primitiva, assim como a sociedade brasileira segue princípios e valores de acordo com suas crenças, os indígenas também fazem isso. Então por que julgamos tanto os indígenas? Será que eles são menos importantes que o restante da população brasileira? Por que causa estranhamento quando vemos um indígena vestido

com roupas? Devemos sempre refletir nessas questões e deixar evidente que eles não têm culturas congeladas.

2.2 Terceiro Equívoco: Culturas congeladas

De acordo com Freire (2002), ele salienta que a cultura indígena denominada como congelada, vem sendo trabalhada nas escolas durante muitos séculos. Ou seja, a forma como os indígenas são representados. Se pegarmos um livro de história dos anos iniciais verá que ainda hoje os livros vêm representando esses indígenas como moradores de floresta, que andam seminus sobrevive apenas da caça e pescam com arcos e flechas. Percebe-se que foi uma imagem criada para definir como os indígenas devem ser e se fugir desse padrão causa estranhamento, “[...] esses aí não são mais índios, já estão de calça e camisa, já estão usando óculos e relógios, já estão falando português, não são mais índios” (Freire, 2002, p. 12).

Comentários desse tipo ficam evidentes que muitas pessoas acreditam que os indígenas não têm capacidade de evoluir no modo como vivem. Ainda segundo Freire (2002), ele salienta que as pessoas com esses tipos de comportamentos desprezíveis acabam criando categorias desconhecidas na etnologia como se fosse possível eles virarem “ex-índios”. Neste contexto, podemos perceber que existem vários preconceitos voltados para os povos indígenas, por isso o equívoco é denominado como cultura congelada, atribui aos indígenas a ignorância e que não podem usar o que a sociedade ocidental oferece, como: relógio, celular, usar carro de grande porte, entre outros (Freire, 2002).

Nesta perspectiva, podemos perceber que assim como qualquer povo entram em contato com outras culturas, os indígenas também têm esse direito, até porque eles não mais vivem, sem contatos externos, são os pioneiros e fazem parte da sociedade brasileira. Nesta visão, Freire (2002, p. 13) fala sobre a interculturalidade que precisa haver entre os povos indígenas e a sociedade brasileira.

[...] os índios não puderam ter liberdade de escolha, de olhar o leque de opções e dizer: “nós queremos isso, nós queremos trocar aquilo”. As relações foram assimétricas em termos de poder. Não houve diálogo. Houve imposição do colonizador. Aquilo pelo qual nós brigamos hoje é por uma interculturalidade, entendida como um diálogo respeitoso entre culturas, de tal forma que cada uma delas tenha a liberdade de dizer: “Olha! Isso nós queremos, isso nós não queremos”, ou então, “nós não queremos nada disso”. É essa liberdade de transitar em outras culturas que não concedemos aos índios, quando congelamos suas culturas.

De acordo com o contexto, podemos salientar que, assim como os não indígenas, procuram se qualificar para poder transitar em outras culturas, como por exemplo: aprender o inglês, visto que se aprendermos essa nova língua não substituiremos o português, que conhecemos desde criança. Ou seja, buscamos novas línguas para poder suprir necessidades, assim como os povos indígenas que sempre estão em busca de melhorias para seu povo, e para isso eles precisam aprender várias culturas e nem por isso vão deixar de serem indígenas, assim como nós não vamos deixar de ser brasileiros se morarmos em outros países.

Então por que será que só os indígenas que não podem ter suas culturas ressignificadas em prol de seus bens maiores? Será que eles sempre têm que viver do mesmo modo que viviam no passado? Por que muitas pessoas consideram os indígenas como se eles fossem do passado e não existem mais?

2.3 Quarto Equívoco: Os indígenas pertencem ao passado

Neste equívoco Freire (2002) nos ajuda a entender por que a maioria dos brasileiros considera os indígenas como se eles pertencessem apenas ao passado, no período colonial brasileiro. Como sabemos, sempre que alguém não segue as tradições ocidentais são consideradas como tradições primitivas e atrasadas que pertencem ao passado. Nesta perspectiva, no ponto de vista de um indígena, Jorge Tenera (1997) salienta que:

[...] (Eles) vêem a tradição viva como primitiva, porque não segue o paradigma ocidental. Assim, os costumes e as tradições, mesmo sendo adequados para a sobrevivência, deixam de ser considerados como estratégia de futuro, porque são ou estão no passado. Tudo aquilo que não é do âmbito do Ocidente é considerado do passado, desenvolvendo uma noção equivocada em relação aos povos tradicionais, sobre o seu espaço na história (*apud* Freire, 2002, p. 16).

Neste sentido, a citação deixa claro, os motivos pela qual a sociedade implica e consideram os povos indígenas como pertencentes do passado, nesta visão Luciano Baniwa (2006) fala que desde a chegada dos portugueses no Brasil, os romancistas e os intelectuais da época sempre trouxeram essas visões deturpadas a respeito desses povos, como por exemplo: associar os indígenas como selvagens, protetores da floresta, ingênuos sem a capacidade de ser civilizado, e por esse motivo eles não teriam como conviver com os povos civilizados, sempre reforçando a ideia do indígena atrasado, que

não consegue se atualizar com o meio em que vive dependente dos outros para sobreviver.

Neste ponto de vista, Luciano Baniwa (2006, p. 35) salienta que: “[...] o índio é percebido sempre como uma vítima e um coitado que precisa de tutor para protegê-lo e sustentá-lo, isto é, sem tutor ou protetor os índios não conseguiriam se defender, se proteger, se desenvolver e sobreviver”.

Neste contexto, podemos perceber que para a sociedade os indígenas são seres que precisam de proteção e de tutela, pois muitos acreditam que eles não são capazes de se defender sozinhos. Na visão de muitas pessoas, sem o apoio de instituições os povos indígenas deixarão de existir, pois são incapazes de se manterem vivos, por isso que se tem a ideia de que a Fundação Nacional dos Povos Indígenas denominada antes por (Fundação Nacional do Índio⁶). É como se fosse o pai e a mãe dos povos indígenas, pelo fato de garantir proteção e tutela. És que surge o questionamento será se realmente é assim? Esta instituição garante todos os direitos dos indígenas?

Assim como tem pessoas que consideram os indígenas como “pobres coitados” também existem aqueles que têm uma visão completamente diferente, considerados bárbaros, cruéis, animais selvagens, sem coração, traiçoeiros, canibais e preguiçosos. Pensamentos assim vêm “[...] sendo sustentada por grupos econômicos que têm interesse pelas terras indígenas e pelos recursos naturais nelas existentes” (Luciano Baniwa, 2006, p. 36).

Todos esses pensamentos e visões deturpadas se dão, também, desde a chegada dos portugueses no Brasil. Neste sentido, os colonizadores olhavam para as terras brasileiras com um olhar econômico, que geraria grandes riquezas, porém como tinha os “empecilhos” que eram os povos indígenas, eles bolaram estratégias para eliminar esses povos. Usaram esses adjetivos como pretextos para poderem fazer massacres e não serem julgados, e até hoje existem pessoas com essa visão que “[...] resulta todo o tipo de perseguição e violência contra os povos indígenas, principalmente contra suas lideranças que atuam na defesa de seus direitos” (Luciano Baniwa, 2006, p. 36).

Nesta visão, o autor esclarece a forma como a ganância por dinheiro deixa as pessoas cegas sem se importar com as consequências, pois sabemos que essas extrações de recursos naturais causam prejuízos para a natureza e conseqüentemente para a população. “Os índios são taxados por esses grupos como empecilhos ao

⁶ Nomenclatura alterada, devido a Medida Provisória nº 1.154 de 01 de janeiro de 2023.

desenvolvimento econômico do país, pelo simples fato de não aceitarem se submeter à exploração injusta do mercado capitalista” (Luciano Baniwa, 2006, p. 36).

Por mais que para muitos os indígenas sejam empecilhos e povos do passado, eles estão lutando por uma causa nobre que é defender a natureza e seu território, visto que eles têm o pleno direito de lutar por aquilo que é seu, pois querendo ou não os indígenas fazem parte da sociedade brasileira, pois eles são os povos originários do Brasil.

2.4 Quinto Equívoco: O indígena não é brasileiro

Neste último equívoco Freire (2002), aborda reflexões importantes e nos ajuda a entender o porquê da população brasileira não considerar a identidade do Brasil como indígena. Durante muito tempo as escolas brasileiras trazem em seus livros didáticos a formação do Brasil, pois é colocado que o Brasil foi descoberto pelos portugueses e a partir daí começam a história do Brasil, Freire (2002, p. 19-20) relata que os Brasileiros têm três grandes matrizes importantes para a formação do povo brasileiro que são:

1. As matrizes européias, assim no plural, representadas basicamente pelos portugueses, mas também pelos espanhóis, italianos, alemães, poloneses, etc;
2. As matrizes africanas, também no plural, da qual participaram diferentes povos como os sudaneses, yorubás, nagôs, gegês, ewes, haussá, bantos e tantos outros;
3. Finalmente, as matrizes indígenas, formadas por povos de variadas famílias lingüísticas como o tupi, o karib, o aruak, o jê, o tukano e muitos outros.

Neste contexto, podemos perceber que não foram apenas os europeus que adentraram nas terras brasileiras. Algo que muitos ignoram é que os indígenas são e sempre foram os protagonistas da história, antes das grandes navegações eles já habitavam nessas terras, neste sentido podemos nos indagar nas seguintes perguntas, antes dos portugueses chegarem às terras brasileiras, quem habitavam nas terras brasileiras? Será que realmente não tinha ninguém aqui no Brasil? Quando eles chegaram os indígenas foram embora? Através dessas indagações podemos perceber que a maioria dos brasileiros considera os portugueses como seus patriarcas, visto que nas histórias sempre traz os portugueses como vitoriosos e heróis.

De acordo com Freire (2002), ele deixa claros os motivos pelo qual os brasileiros se consideram descendentes dos europeus, visto que “[...] como os europeus dominaram política e militarmente os demais povos, a tendência do brasileiro, hoje, é se identificar

apenas com o vencedor – a matriz européia – ignorando as culturas africanas e indígenas” (Freire, 2002, p. 20).

Neste contexto podemos perceber que sempre nos identificamos com os vencedores, os dominantes. “Isso reduz e empobrece o Brasil, porque você acaba apresentando aquilo que é apenas uma parte, como se fosse o todo” (Freire, 2002, p. 20). Neste contexto, acabamos deixando de lado os que sofreram as consequências, visto que os indígenas não se curvaram aos invasores e tiveram conflitos entre eles, por meio de guerras, massacres, e mortes por epidemias. “Os índios, ao serem escravizados e levados para os engenhos, não suportavam o trabalho e, sempre que podiam, fugiam dos canaviais” (Oliveira; Freire, 2006, p. 39). Quando falamos de escravos a população brasileira sempre esquece que os verdadeiros fundadores do Brasil foram os Indígenas, por mais que para muito isso seja um absurdo, de acordo com Oliveira e Freire (2006) afirma que:

Ao falar do escravo, o poeta Aimé Césaire evidencia a sua presença na civilização que o nega, mas que foi construída justamente sobre a sua existência e o seu trabalho. A epígrafe acima deve aplicar-se com muita propriedade à população autóctone deste país, aos indígenas e seus descendentes, que concorreram com as riquezas de suas terras, seu sangue e seu conhecimento para a construção desta nação (Oliveira; Freire, 2006, p. 18).

Nesta visão fica claro, que os brasileiros não são apenas descendentes de europeus como muitos imaginam, são muito mais que isso, sem os indígenas os colonizadores não teriam conseguido desbravar as grandes terras brasileiras, pois eles não tinham conhecimento necessário para tal ato. “De fato, apesar de pouco abordada na historiografia, à escravidão indígena desempenhou um papel de grande impacto não apenas sobre as populações nativas como também na constituição da sociedade e economia coloniais” (Monteiro, 2000, p. 105). Neste sentido os indígenas são os fundadores do Brasil, querendo ou não dentro de cada um de nós corre o sangue indígena, visto que por muito tempo tentaram silenciar esses povos, e quanto mais eles tentam, mas os indígenas resistem.

3 A PRÁTICA DOCENTE E A CONCEPÇÃO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS

Neste tópico vamos salientar sobre a pesquisa que foi realizada em uma escola da rede municipal de Imperatriz, com uma professora formada em Pedagogia que trabalha a mais de 30 anos na educação básica, traçamos um questionário aberto sobre

os povos indígenas e para preservarmos a identidade da professora, atribuímos o nome fictício de Magda. Por mais que o foco principal no 1º ano dos anos iniciais seja a alfabetização. São deveres dos professores proporcionarem e implementarem as culturas indígenas de forma transversal nas disciplinas, para a valorização das diversidades. Nesta perspectiva Silva e Costa (2018, p. 117) afirmam dizendo que a obrigatoriedade deste componente curricular tão importante para o ensino das culturas indígenas foi, “[...] instituída pela Lei n.º 11.645/2008, contribui para valorizar a diversidade étnica e cultural no ensino e na aprendizagem da História do Brasil, proporcionando uma formação integral e cidadã”.

Cabe ao professor pôr em prática esse decreto, pois ele é o responsável pela ministração das aulas, neste sentido o professor pode trazer histórias, reflexões, filmes e até mesmo desenhos voltados para os povos indígenas, que sejam retratados de forma fiel a vivência deles. Diante disso, os professores por sua vez, “[...] têm condições de converter o espaço escolar num lugar em que esses recursos sejam mais bem aproveitados, de forma que os alunos não se tornem apenas meros espectadores, mas possam construir crítica e criativamente o conhecimento (Silva; Costa, 2018, 117-118).

Nesta visão podemos perceber que os professores podem e devem trazer recursos que ajudem os alunos a entender as culturas indígenas, buscando incentivar os mesmos a contribuir com as aulas levantando perguntas, que contribua no desenvolvimento do seu conhecimento crítico. Partimos para o levantamento da questão a ser tratada, que era investigar quais as contribuições dos povos indígenas para a formação do povo brasileiro:

Os índios contribuíram principalmente no cultivo de vegetais que ainda hoje consumimos como mandiocas, batatas e outros. Eles também contribuíram na culinária como pratos desenvolvidos a base de mandioca e milho. Também na medicina natural como chás a base de ervas medicinais e outros (Magda, entrevista realizada dia 30 de maio de 2024).

Diante dessa resposta nos dada, observamos que a nomenclatura de identificar os indígenas como “índios”, ainda se faz presente nas falas dessa professora. Podemos também aqui destacar que as contribuições que eles nos deram, remete ainda ao passado, quando ela comenta que eles “contribuíram”, com as plantações, como se nos dias atuais, os indígenas não fossem relevantes e importantes para o desenvolvimento do nosso país.

Tivemos o interesse de questionar o que ela sabia a respeito dos povos indígenas no Maranhão, De acordo com ela, “[...] eles habitam nas terras em Montes Altos,

Amarante, Grajaú e são os Krikati e outros” (Magda, entrevista realizada dia 30 de maio de 2024). Identifica-se que esta tem conhecimento de onde vivem e onde estão localizados os povos indígenas, especialmente no estado do Maranhão. Que de acordo com Silva (2018, p. 87), ela vem falar que é nesse cenário de cerrado, “[...] composto por planícies, chapadas, montanhas rochosas e nascentes dos rios Pindaré, Arraia, Batalha, Campo Alegre -Oeste do Maranhão, que por séculos vivem os Krikati, falantes da língua do tronco linguístico Macro-Jê”.

Diante disso, a professora tem compreensão onde estão posicionados com exatidão, além disso, queríamos investigar as contribuições dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira, para ela os indígenas contribuíram através da “[...] sobrevivência na selva, a cultura, a língua, existem vários nomes que usamos de origens indígenas e na medicina natural” (Magda, entrevista realizada dia 30 de maio de 2024). A professora não está errada quando menciona que os indígenas agregaram na sobrevivência da selva, pois como comenta Luciano Baniwa (2022, p. 04): “Os índios ensinaram as técnicas de sobrevivência na selva e como lidar com várias situações perigosas nas florestas ou como se orientar nas expedições realizadas”.

Assim como os portugueses quiseram implantar as suas culturas para os povos indígenas, os indígenas também tiveram esse espaço de ensinar os portugueses a como sobreviver na selva, com técnicas que só eles sabiam, pois tinham experiências na mata, já que então, era o lugar deles. Em relação aos equívocos tivemos o interesse de perguntar para a professora quais os mais presentes na sociedade, na percepção dela nos relatou que é os equívocos que “[...] eles são perigosos, são preguiçosos, que eles ocupam terras demais e que são desnecessários” (Magda, entrevista realizada dia 30 de maio de 2024).

Vejam que muitos desses equívocos ainda se encontram presentes em nosso cotidiano, diariamente os indígenas são estereotipados como seres selvagens, malvados, e que não contribuem para o desenvolvimento do nosso país, consideramos que esses adjetivos são preconceituosos e ignorantes, já que essa prática não condiz com a realidade indígena. Em uma visita técnica que realizamos com o povo Krikati, observamos de perto a autenticidade dos fatos, podemos aqui destacar que os povos indígenas estão a todo o momento trabalhando para o bem da sua comunidade, contribuindo para o bem estar do seu povo.

Com tantas tecnologias e inovações nas escolas, a questão indígena não é tratada e levada a sério. Como esses alunos irão respeitar, ou irão conhecer a história de seu país

sem o conhecimento necessário dos povos que fundaram a nossa nação. Se nos próprios livros não se fala sobre os povos indígenas? Isso é extremamente doloroso, em saber que se esqueceram da história do nosso país, o dia dos povos indígenas existe em apenas um dia nas escolas, e no final, ainda não condiz com a realidade desses.

Conhecer os povos indígenas nos dar a entender que muito ainda deve ser feito para cessar esses ideais tão equivocadas a respeito desses povos, e que o corpo docente, necessita de mais informações para ensinar os alunos, que futuramente, serão eles que irão ensinar para outras pessoas a cultura e a forma de viver e o socializar dos povos indígenas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa de campo realizada em uma escola da rede municipal de Imperatriz-MA, foi possível refletir sobre os equívocos que a população em geral ainda comete em relação aos povos indígenas. No famoso “dia do índio”, mesmo com a Lei n.º 11.645/2008 que obriga as escolas a implementar a história e cultura dos povos indígenas, as professoras ainda continuam fazendo uma comemoração cheia de preconceitos. Presenciamos de perto as crianças vestidas com tangas e pintadas de tintas, sem falar que as próprias professoras procuraram colocar a criança que mais parecia com uma indígena. Ou seja, ainda continuam a fazer parte no ambiente educacional, aquela visão estereotipada dos povos indígenas, posicionamento atrasados e ignorante, visto que esse posicionamento é errôneo e contrário da realidade vivida por esses povos.

Foi possível também analisar o livro didático e perceber que nos anos iniciais não tem nenhuma página nos livros falando sobre os povos indígenas. Por mais que não tenha é dever e obrigação do professor trazer de forma transversal as histórias e as culturas dos povos indígenas, visto que devemos buscar construir uma sociedade que cada vez mais acolhe, agrega, soma, promove e expressa o universo ilimitado e plural de saberes, valores e sujeitos de conhecimentos. Portanto, nós como futuros professores devemos transformar a educação básica, assim como transformamos a educação superior, pois são através de pesquisas como essas que abrimos um leque de conhecimento, que faz a população refletir e buscar melhorar suas práticas pedagógicas.

Os povos indígenas apesar de serem silenciados, eles têm e sempre vão ter um papel muito importante para a sociedade brasileira, pois eles são os povos originários

que trouxeram para nós os conhecimentos, que até hoje são utilizados nos medicamentos e na culinária brasileira, pois somos um país indígena que tem sangue indígena, e devemos nos orgulhar e acabar com os equívocos, tornando nossa sociedade mais recíproca.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Jane Felipe; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos; CUNHA, Mainá Jailson Sampaio; LIMA, Luiza de Nazaré; DOMINGUES William César Lopes; TOMÉ, Tiago Pedro Ferreira. Vida & Morte entre Povos Indígenas. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 206-238, jan./jun. 2015.

BRASIL. Ministério dos Povos Indígenas. **Resgatar e preservar: línguas indígenas são repositórios de saberes ancestrais**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/08/resgatar-e-preservar-linguas-indigenas-sao-repositorios-de-saberes-ancestrais>. Acesso em: 23 set. 2024

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco idéias equivocadas sobre o índio**. Rio de Janeiro, Departamento Cultural, p. 1-23, 2002.

LUCIANO BANIWA, Gersem. As contribuições dos povos indígenas para o desenvolvimento da ciência no Brasil: os povos originários colaboram de diversas formas com a sociedade brasileira desde a chegada dos portugueses até os dias de hoje. **Ciência & Cultura**. 2022, vol.74, n. 3, p.1-6.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 17, p. 621-626, 2012.

MONTEIRO, John. O escravo índio, esse desconhecido. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (Org.) **Índios no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, MEC, 2000.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

SILVA, Giovani José da; COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M da. **Histórias e culturas indígenas na Educação Básica**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SILVA, Ilma Maria de Oliveira. **Lideranças Krikati: implicações da escola não indígena em suas trajetórias e trajetórias de vida**. São Leopoldo: UNISINOS, 2018.